

Além das lesões na pele

Casos recentes de varíola do macaco sinalizam que a doença pode ser considerada sistêmica, quando compromete diferentes partes do corpo. Segundo estudo britânico, febre, dor retal e ínguas são alguns dos sintomas mais comuns

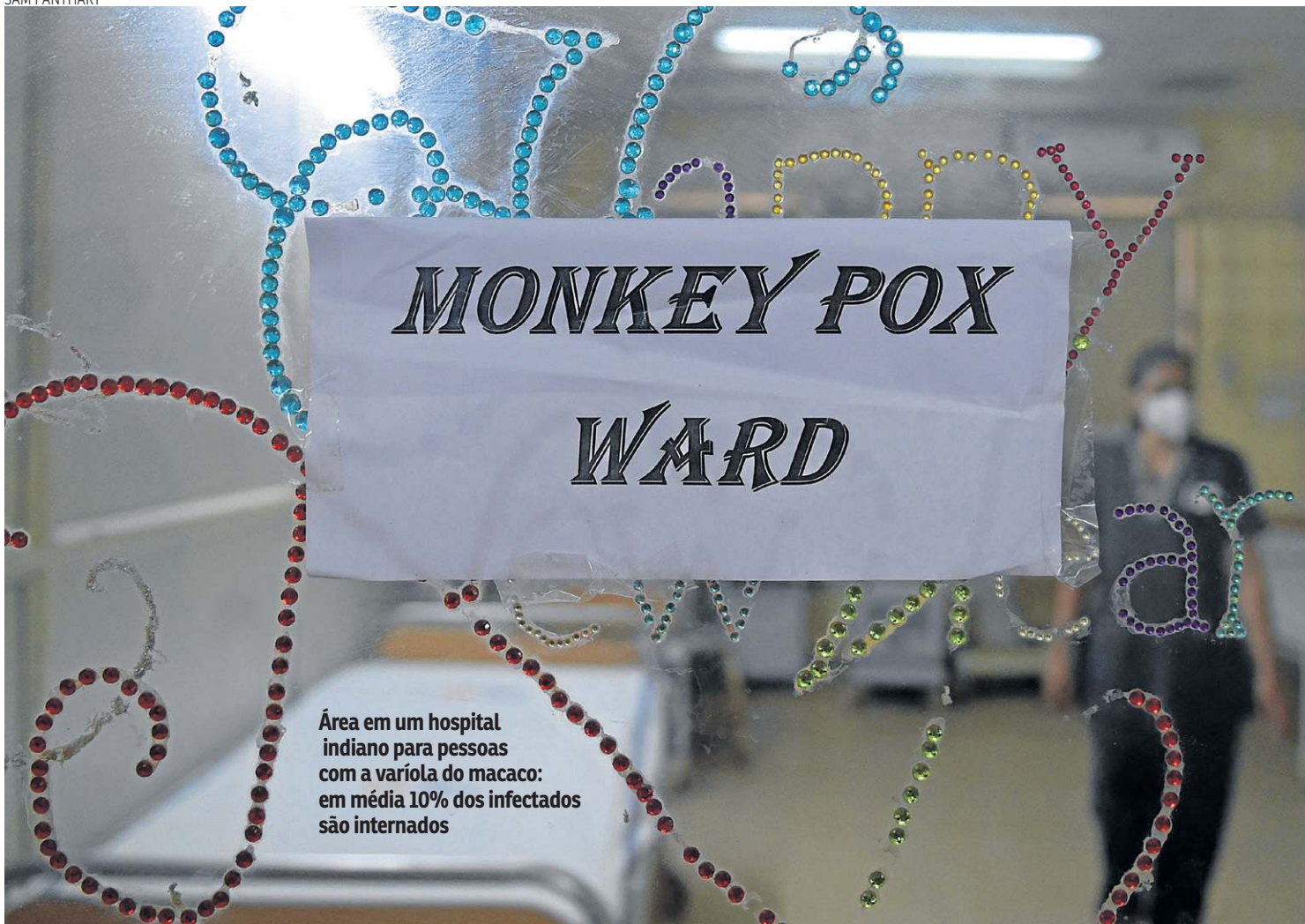
Cada vez mais presente fora do continente africano, a varíola do macaco — considerada, desde o último sábado, uma emergência de saúde pública internacional pela Organização Mundial da Saúde (OMS) — tem apresentado características que justificam a preocupação das autoridades. Estudos indicam, cada vez mais, que pessoas que, recentemente, se infectaram fora da África apresentam sintomas distintos (**Leia Para saber mais**) dos esperados. Agora, uma pesquisa divulgada na última edição do *The British Medical Journal (The BMJ)* sinaliza que há fortes indícios de que a doença pode ser considerada sistêmica — quando compromete diferentes partes do corpo humano, como a covid-19.

Para chegar à conclusão, cientistas do Guys and St Thomas NHS Foundation Trust, no Reino Unido — onde o primeiro caso da atual crise foi detectado, em maio — analisaram 197 casos confirmados de varíola dos macacos em um centro de doenças infecciosas em Londres, entre maio e julho de 2022. A maioria dos pacientes, 86%, relatou sintomas que condizem com uma doença sistêmica. As complicações mais comuns foram febre (62%), linfonodos inchados — as populares ínguas — (58%), dor retal (36%) e dores musculares (32%). Também houve relatos de dor de garganta (16%), edema peniano (15%), lesões orais (13%), lesões solitárias (11%) e inchaço das amígdalas (4%).

Todos os pacientes apresentavam lesões na pele ou nas membranas das mucosas, mais comumente nos genitais ou na região perianal. E, em contraste com relatos recentes que indicam que os sintomas sistêmicos precedem as lesões cutâneas, nessa amostra britânica, 38% dos pacientes desenvolveram sintomas sistêmicos após o início das lesões mucocutâneas. Além disso, 14 apresentaram lesões sem as características sistêmicas.

Também chamou a atenção da equipe britânica a ocorrência de novos sintomas ligados à varíola do macaco. São eles: dor retal, inchaço peniano (edema), lesões solitárias e amígdalas inchadas. Há nesses casos, avaliam os pesquisadores, o risco de essas manifestações serem confundidas com as de outras doenças, dificultando o diagnóstico precoce. Para os autores, os resultados sugerem “um novo curso clínico para a doença (...) que deve ser incluído nas mensagens de saúde pública, com o objetivo

SAM PANTHAKY



Área em um hospital indiano para pessoas com a varíola do macaco: em média 10% dos infectados são internados



Lesões solitárias acometem 11% dos pacientes: manifestação foge dos quadros da enfermidade até então considerados tradicionais

Para saber mais

Análise ampla

Considerado a maior série de estudos sobre pacientes com varíola do macaco até o momento, um trabalho divulgado, na semana passada, no *New England Journal of Medicine*, mostrou que a maioria dos pacientes com a doença apresenta lesões genitais únicas e feridas

na boca ou no ânus, sintomas não reconhecidos nas definições médicas atuais da doença.

Segundo os autores — cientistas de 16 países —, as manifestações da doença são semelhantes às de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e podem facilmente levar a erros de diagnóstico. “Esses sintomas específicos podem ser graves e levar a

internações. Por isso, é importante fazer um diagnóstico. Expandir a definição de caso ajudará os médicos a reconhecerem mais facilmente a infecção e, assim, evitar que as pessoas a transmitam”, afirmou, em nota, Chloe Orkin, professora de medicina do HIV na Queen Mary University of London e integrante do grupo.

O trabalho tem como base a

análise de 528 infecções confirmadas em 43 locais, entre 27 de abril e 24 de junho deste ano. Dos pacientes, 98% eram homens gays e bissexuais. No artigo, os pesquisadores alertam, ainda, que o vírus da varíola do macaco pode ser transmitido por qualquer contato físico próximo, por grandes gotículas respiratórias e, potencialmente, por roupas e outras superfícies.

de ajudar precocemente no diagnóstico e reduzir a transmissão”.

Perfil

Os 197 participantes do estudo eram homens (idade média

de 38 anos), sendo que 196 se identificaram como gays, bissexuais ou homens que fazem sexo com homens. Pouco mais de um terço (36%) dos pacientes também tinha infecção por HIV e 32% testaram positivo

para outras infecções sexualmente transmissíveis.

Apenas um participante havia viajado recentemente para uma região endêmica, e 25% haviam tido contato com alguém sabidamente infectado.

Na avaliação dos autores, esses resultados “confirmam a continuidade sem precedentes da transmissão comunitária do vírus da varíola dos macacos entre gays, bissexuais e homens que fazem sexo com



O crescimento contínuo desse surto significa que a disseminação para populações vulneráveis é possível, incluindo indivíduos imunocomprometidos e crianças”

Trecho do artigo divulgado no *The BMJ* por cientistas do Guys and St Thomas NHS Foundation Trust

homens vistos no Reino Unido e em muitos outros países não endêmicos”.

Hospitalizações

Desde o começo de maio, mais de 18 mil casos da varíola do macaco foram detectados em 78 países. Segundo a OMS, 70% deles estão na Europa e 25%, na América. A agência estima que 10% dos infectados precisam de internação hospitalar para controlar a dor causada pela doença. A previsão é a mesma constatada no trabalho que acaba de ser divulgado por cientistas britânicos. Dos 197 infectados, 10% foram hospitalizados para o tratamento principalmente de dor retal e inchaço peniano. Nenhuma morte foi registrada, mas algumas pessoas necessitaram de cuidados hospitalares intensivos.

“Aqueles com infecção confirmada por varíola de macaco com lesão extensa no pênis ou dor retal intensa devem ser considerados para um acompanhamento contínuo ou para o gerenciamento durante a internação”, defendem os autores do estudo. O grupo também alerta que, apesar de os casos atuais se concentrarem em um perfil específico de pessoas, não se pode descartar a possibilidade de diversificação de pacientes. “O crescimento contínuo desse surto significa que a disseminação para populações vulneráveis é possível, incluindo indivíduos imunocomprometidos e crianças, e as implicações disso ainda não são compreendidas”, justificam.

DOXICICLINA

Antibiótico reduz risco de DSTs após sexo sem proteção

Tomar um antibiótico após relações sexuais sem proteção pode reduzir drasticamente o contágio de três doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) bacterianas em grupos de alto risco, mostra um estudo desenvolvido na Universidade da Califórnia em São Francisco (UCSF), nos Estados Unidos, e apresentado na 24ª Conferência Internacional sobre Aids, em andamento, em Montreal, no Canadá.

Segundo os autores, o uso da doxiciclina reduziu as taxas de gonorreia e clamídia em mais de 60% entre homens que fazem sexo com homens (HSH). Também pareceu muito eficaz contra a sífilis, mas não há casos suficientes para ser estatisticamente significativo.

A equipe chegou à conclusão ao acompanhar 500 pessoas em San Francisco e Seattle,

nos Estados Unidos. Os voluntários — em sua maioria HSH, mas também algumas mulheres trans e pessoas de diversos gêneros. Eles foram divididos em dois grupos: os que tomavam comprimidos de profilaxia pré-exposição (PrEP) contra o HIV, enquanto outros eram soropositivos. Em cada um desses grupos, dois terços dos integrantes receberam doxiciclina. O restante, não.

O antibiótico, de 200mg, era administrado em até três dias após a exposição. Os participantes podiam continuar tomando o remédio conforme necessário, dependendo do contato sexual que tinham. A intervenção reduziu a incidência de doenças sexualmente transmissíveis em 62% no grupo que vivia com HIV e em 66% no grupo que tomava PrEP.

Os efeitos secundários foram

Reprodução YouTube



Annie Luetkemeyer conduziu o estudo: bons resultados contra gonorreia e clamídia

leves, e os níveis de aderência se mantiveram altos. Segundo a equipe da UCSF, o ensaio foi encerrado antes do tempo porque o fármaco funcionou indubitavelmente, e não seria ético continuar com os testes.

Cautela

Um ensaio anterior realizado por pesquisadores franceses usou, com eficácia, a doxiciclina como profilaxia pós-exposição (PEP) contra a sífilis e a clamídia entre os HSH. “Agora temos dois estudos que respaldam o uso da (abordagem) em homens que têm relações sexuais com homens”, disse Annie Luetkemeyer, líder do novo estudo, na coletiva de apresentação dos resultados.

Na avaliação da cientista, “estamos em um lugar em que devemos

pensar muito sobre a implementação da abordagem e em como incorporá-la aos padrões”. Luetkemeyer, porém, frisou que, no momento, os dados apoiam o tratamento como uma intervenção direcionada aos grupos de maior risco, que têm uma alta prevalência de DSTs, não a todas as pessoas.

Para Jean-Michel Molina, da Universidade de Paris Cité, e responsável pelo primeiro estudo, em 2018, ainda não é o momento de adotar a prática clínica. “É um tema controverso. Acho que ainda não sabemos o suficiente para recomendar a estratégia”, escreveu, em artigo publicado na revista *Science*. A equipe americana não avaliou questões referentes à resistência a antibióticos, mas pontuou que são necessários mais estudos para investigar possíveis ligações com esse processo.